

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-12-10

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Jörgens, H. (2018). Miranda Schreurs: Nenhuma revolução acontece sem as pessoas. In Barbara Reis (Ed.), *Pensar o trabalho no futuro: dez entrevistas*. (pp. 90-100). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Jörgens, H. (2018). Miranda Schreurs: Nenhuma revolução acontece sem as pessoas. In Barbara Reis (Ed.), *Pensar o trabalho no futuro: dez entrevistas*. (pp. 90-100). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

“Nenhuma revolução acontece sem as pessoas”.
Entrevista com a cientista política Miranda Schreurs

Pergunta: O famoso comediante alemão Karl Valentin disse uma vez que “é difícil fazer previsões, especialmente quando dizem respeito ao futuro”. Mesmo assim, estamos aqui para falar do futuro. Mais especificamente, sobre o futuro do trabalho à luz da tão necessária transição para um desenvolvimento ecologicamente sustentável. Talvez a maneira mais segura de tentar saber o que o futuro nos trará seja olhar para os desenvolvimentos do passado e do presente. A preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável já levaram a mudanças concretas nos padrões de emprego nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento? E, se sim, quais são as mudanças mais importantes que se podem observar?

Resposta: Certamente, houve muitas mudanças. Quando penso no tempo em que era criança em comparação com hoje, vemos, por exemplo, que todo o sistema de gestão de resíduos foi alterado pelo conceito de reciclagem e que surgiu uma nova indústria em torno da recolha de materiais e da reciclagem desses materiais. Paralelamente vimos surgir toda uma indústria de alimentos orgânicos que possui elementos de sustentabilidade ecológica. Vemos linhas de roupas baseadas no uso de fibras ecologicamente produzidas. Outro campo onde novos empregos foram criados é todo o sector das energias renováveis. Somente na China já existem cerca de 4 milhões de empregos ligados à produção, instalação e operação de equipamentos de energias renováveis. Em escala mundial, a Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA) contou quase 10 milhões de empregos neste sector em 2016. Depois, há todo o campo de controlo de poluição com empresas que produzem tecnologias de fim-de-linha para o tratamento da poluição após a sua geração, assim como tecnologias energeticamente mais eficientes ou mais eficientes em termos de recursos. Temos pessoas que monitorizam a qualidade do ar e da água ou a contaminação do solo. Então, sim, a transição para a proteção ambiental e a transição, ainda que de forma incipiente, para a sustentabilidade transformaram os sistemas industriais e os sistemas de trabalho. O que não significa, no entanto, que os empregos antigos tenham desaparecido.

P: Há precisamente dez anos, em 2008, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) publicou um relatório sobre “Empregos Verdes”. Este relatório distingue quatro modos de como a transição para o desenvolvimento sustentável pode afectar os padrões de emprego. O primeiro modo é a criação de tipos de trabalho inteiramente novos, por exemplo, na produção de dispositivos de controlo de poluição que são adicionados aos equipamentos de produção existentes. O segundo impacto é

a substituição de postos de trabalho existentes, por exemplo, quando novos postos de trabalho na indústria de reciclagem vão substituindo os antigos trabalhos de eliminação e incineração de resíduos. O terceiro e o quarto impactos mencionados pelo PNUMA são a eliminação de empregos sem reposição, por exemplo, por meio de proibições de produtos, e a transformação de empregos existentes na medida em que os seus sectores gradualmente se tornam mais verdes.

Grande parte do debate sobre *empregos verdes* e *economia verde* concentra-se nos dois primeiros impactos. Os trabalhos verdes que acabou de mencionar também se inserem aqui. No entanto, o que me parece mais problemático é o terceiro impacto, a eliminação de empregos existentes. Nos Estados Unidos, Donald Trump ganhou as eleições presidenciais apresentando-se como defensor de todos aqueles trabalhadores cujos empregos estão ameaçados por regulamentações ambientais. Na Polónia, vemos um governo fortemente comprometido com a extração de carvão, apesar das metas da política de combate às alterações climáticas da União Europeia. E até a Alemanha, que tradicionalmente é um líder ambiental, há décadas que não consegue eliminar o carvão como fonte de eletricidade. Concorda comigo que o emprego se tornou um importante obstáculo para a transição para o desenvolvimento sustentável?

R: Nalguns casos sim, noutros não. O que temos visto é a resistência à eliminação de algumas indústrias de combustíveis fósseis e outras indústrias extrativas quando elas são muito importantes para as economias locais. Mas isso não significa que essas indústrias como um todo não estejam em declínio. Quando se olha globalmente, vemos que o número de pessoas empregadas na indústria do carvão é um décimo do que era há 50 anos. Esta indústria foi afetada por mudanças tecnológicas e, de resto, a procura de carvão está a estagnar e até desceu em muitas áreas. A mudança para formas alternativas de energia – o que não significa necessariamente apenas renováveis, também pode significar uma mudança para o gás – está a acontecer.

Os grandes desafios são as eleições ligadas à política e economia regionais. Se houver um forte interesse regional em manter uma indústria que garante uma parte significativa dos empregos locais, é óbvio que serão eleitos os políticos que prometerem manter esses empregos no sistema. Mas por razões ambientais, e talvez ainda mais por razões de custo, é provável que surjam novas tecnologias e que haja uma mudança das velhas indústrias extrativas fósseis para novos tipos de indústrias de energia.

P: O que acontece às pessoas que trabalham nessas antigas indústrias baseadas em combustíveis fósseis? Serão capazes de transitar para os novos empregos mais ecológicos que estão a ser criados?

R: Isso é uma questão importante porque o emprego é a vida da pessoa: É com ele que alimenta a família e, quando não se tem emprego, tem-se um problema. Uma pessoa que sempre trabalhou nas minas de carvão normalmente não tem as qualificações necessárias para instalar uma turbina eólica ou para montar um sistema fotovoltaico no topo de um telhado. Por isso, precisamos de treinos profissionais para ajudar as pessoas a encontrar outros empregos ou de planos de eliminação gradual que garantam uma transição socialmente responsável de um sector para outro.

A um nível mais geral, sempre foi uma realidade que indústrias vêm e vão, que empregos num ramo da indústria são destruídos e as pessoas têm que encontrar emprego noutra indústria. Os governos têm que decidir se intervir na morte de uma indústria é algo que se deva fazer. Eventualmente deveriam antes concentrar-se em tornar a necessária transição socialmente mais justa.

P: Como cientista política tem estudado a transição para a sustentabilidade em três continentes: na América do Norte, na Ásia e na Europa. Quais são os exemplos mais marcantes e bem-sucedidos em governar essa transição?

R: Uma das mudanças mais fascinantes é que, à medida que fazemos as transições, vemos um movimento em direção a um envolvimento mais local. Vemos uma discussão mais participativa, com envolvimento dos stakeholders, sobre o que uma comunidade pode fazer. No norte da Alemanha, por exemplo, visitei uma comunidade que escolheu deixar de usar fertilizantes químicos e mudar para uma agricultura orgânica. Também para o antigo celeiro foi encontrado um novo uso: Redesenharam e renovaram-no e agora é um lar para pessoas com deficiências físicas que ali trabalham na agricultura orgânica, com um grande restaurante onde servem comida saudável para turistas. O que vemos é um município inteiro empenhado em pensar não apenas num sector específico, mas numa forma de tornar toda a economia local mais ecológica e socialmente mais justa.

Outro exemplo é uma das cidades em que eu morei no Japão, onde os habitantes assistiram à decadência da sua cidade ao longo de anos e pensaram: "Bem, como podemos revitalizar a nossa cidade?" Eles decidiram fazer coisas como investir na aquisição de um eléctrico como meio de transporte público, investir em energia renovável na comunidade, convidar compradores estrangeiros para a cidade para os informar sobre produtos locais tradicionais com potencial para exportação, e trazer voltar a realizar antigos festivais tradicionais. Tudo isto foi feito por pessoas locais que se reuniram e discutiram em torno da questão "O que podemos fazer? Onde queremos chegar?" O que se observa é um renascimento da democracia local e, ao mesmo tempo, um impulso para criar empregos ecológicos que sejam locais e baseados na comunidade.

P: O ressurgimento do poder local é fascinante. Mas grande parte do emprego de hoje é organizado em empresas que competem em mercados globais. Essas empresas normalmente são altamente especializadas e a sua capacidade de se adaptar às necessidades locais é bastante limitada. Vê algum sinal de “esverdeamento” das indústrias globais?

R: Certamente que sim. Alguns exemplos: O primeiro tem a ver com todo o movimento de *comércio justo*. Por exemplo, o café que é cultivado em plantações sustentáveis. Ou o movimento em direção a produtos certificados de florestas sustentáveis. Outro exemplo é a indústria global têxtil e do vestuário, onde linhas inteiras de produtos são tornadas mais ecológicas, baseadas em materiais produzidos de forma sustentável ou até reciclados. Eu sei que também há mudanças nas grandes corporações multinacionais. Por exemplo, o vice-presidente de uma multinacional de computadores sublinhou que as tentativas de reduzir o desperdício no sistema de produção não se limitam à fase final da produção do produto, mas abrangem toda a cadeia de abastecimento. Isso faz com que as multinacionais sejam actores muito importantes para ajudar – e às vezes pressionar – sectores inteiros a reduzir o desperdício de recursos e energia. Portanto, sim, a transição a nível global está a acontecer, mas ainda temos um longo caminho pela frente.

P: Um aspecto interessante no debate sobre empregos verdes e sustentáveis é que esse trabalho é frequentemente caracterizado como trabalho “digno”. Aliás, o subtítulo do relatório do PNUMA sobre empregos verdes é “Rumo a um trabalho digno num mundo sustentável e de baixo carbono”. Outro relatório do PNUMA, “Rumo a uma economia verde”, ressalta que uma este tipo de economia pode ser um “gerador líquido de empregos dignos” e “uma estratégia vital para a eliminação da pobreza persistente”. E, mais recentemente, um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas exige “trabalho digno e crescimento económico”. Acha que os empregos verdes são realmente caracterizados por salários mais justos, por melhor segurança no trabalho ou mesmo por mais proteção social para as famílias do que outros empregos mais tradicionais?

R: Digamos assim: Eu acho que uma das grandes diferenças com sistemas de produção mais orientados para o meio ambiente é que estão menos baseados naquilo que prejudica o nosso corpo e a nossa saúde: Usam menos produtos químicos, evitam sistemas de energia altamente poluentes, reduzem o desperdício e a poluição que o acompanha. Se pensarmos em quantas pessoas morrem em todo o mundo por motivos relacionadas com a poluição, certamente há muito potencial para melhorar as condições de saúde dos trabalhadores e provavelmente não há nada mais importante para um trabalho digno do que as condições de saúde relacionadas com ele. Por isso, acho que sim, isso pode fazer uma enorme diferença. Mas isso não significa que sempre seja assim. Só porque uma indústria se descreve como eco-

indústria não significa que também seguirá boas práticas sociais. É preciso assegurar que uma empresa que diz que quer ser mais ecológica também diz que quer ser mais social.

P: Uma das maiores ameaças para a segurança dos postos de trabalho é a automatização. Acha que empregos verdes são de alguma forma menos ameaçados pela substituição de seres humanos por robôs e máquinas do que empregos tradicionais?

R: Na verdade, uma das grandes oportunidades da automatização, digitalização e computação em nuvem é que elas nos permitem ser mais eficientes na maneira como fazemos as coisas. Há muito desperdício nos nossos sistemas actuais. Se pensarmos em quanta energia é desperdiçada apenas nos sistemas de entrega e de transporte, uma boa parte pode ser economizada através da digitalização. Mas é claro que isso afectará postos de trabalho. Se houver sistemas mais eficientes para a entrega de mercadorias, precisaremos de menos motoristas. Mas também há novos empregos que serão criados. Estou convencida que a digitalização não vai diminuir o número líquido de empregos, mas sim os tipos de trabalho. E talvez com isso passa a haver menos trabalhos árduos do que antes.

P: Isso significa que podemos esperar uma mudança dos empregos de “colarinho azul” para o que poderíamos chamar empregos de “colarinho verde” que, como descreveu, seriam menos árduos e menos prejudiciais à saúde dos trabalhadores do que muitos dos tradicionais empregos industriais?

R: Eu acho que sim. Acho que muitos dos trabalhos que são feitos agora por pessoas que têm que usar os seus músculos e que, quando chegarem aos 60 anos, sofrerão da coluna, serão assumidos por robôs e máquinas. E isso provavelmente é bom. Pense-se nas linhas de produção fordistas do passado onde as pessoas faziam trabalhos monótonos e perigosos, que causavam todos os tipos de problemas de saúde e acidentes em que as pessoas perdiam dedos, mãos, olhos ... O que precisamos que pensar, porém, é como ajudar essas pessoas na transição para novos empregos que poderão ser mais orientados para o lazer ou para a educação. Pode ser que, em vez de levantar caixas pesadas, sejam essas pessoas a controlar o computador e a decidir onde essas caixas devam ficar. Então talvez os empregos mais verdes sejam melhores para o corpo humano.

P: Até agora falámos sobre a crise ecológica como uma crise *dentro do sistema*. Isto é, um conjunto de problemas que podem ser resolvidos sem questionar fundamentalmente as principais características do sistema capitalista. Há, no entanto, quem argumente que a crise ecológica é uma crise *do próprio sistema* e que alguns dos elementos-chave do nosso sistema económico precisam de ser redefinidos. Em particular, isso diz respeito às

nossas noções de crescimento, riqueza e bem-estar. Vê tendências para se deixar para trás a riqueza económica como principal indicador de sucesso e de qualidade de vida a favor de outros indicadores não materiais de bem-estar como a felicidade e uma satisfação geral com a vida?

R: Certamente há essas tendências. Há cada vez mais pessoas que dizem, "Estou feliz com menos produtos de consumo. Só quero as coisas que preciso para satisfazer as necessidades básicas, e talvez um pouco mais". Mas ainda não acho que essa transformação profunda seja de todo o sistema. Ainda vemos muito do antigo sistema. Se pensar nos muitos desafios sérios que o planeta enfrenta, seja a desflorestação, a transformação de solos em edifícios e estradas, ou o consumo que causa a poluição dos oceanos com plásticos, então sabemos que a transformação profunda ainda está realmente para acontecer e que precisamos de pensar muito mais sobre como podemos mudar para um sistema onde a nossa ideia de uma vida boa não está necessariamente ligada ao tamanho do nosso carro e quantos carros temos, se temos centenas de camisas diferentes ou apenas cinco. Só se nos conseguirmos afastar de uma sociedade baseada no consumo para outra onde nos preocupamos com a qualidade do produto, se este foi produzido de maneira justa e ecologicamente segura, podemos ter uma transformação verdadeira e profunda.

P: E o que significa essa transformação para o emprego, para a maneira como trabalharemos no futuro?

R: Neste momento, o nosso conceito de capitalismo assenta na ideia de crescimento baseado no consumo e este modelo requer cada vez mais consumo para ter mais crescimento. Eventualmente teremos que pensar se é possível mudar a base do nosso sistema económico para o emprego em serviços como a educação, o lazer ou a saúde. Isto é, um sistema em que os mecanismos do capitalismo continuam em vigor, mas não com base no consumo de produtos, mas antes nas coisas que realmente nos tornam felizes. O consumo não faz as pessoas felizes. É a amizade que faz as pessoas felizes. É a família que faz as pessoas felizes. É estar na natureza que faz as pessoas felizes. E é nesse sentido que precisamos de redefinir as nossas noções de desenvolvimento e crescimento. A minha visão seria uma espécie de capitalismo que se concentraria nas pessoas e não nas coisas.

P: A longo prazo, essa transformação pode ser indispensável se quisermos parar a degradação contínua dos nossos recursos naturais. Mas quem seriam os protagonistas dessa transformação? E qual é o papel dos governos nesse processo?

R: O que vemos é que os governos estão fortemente ligados aos sistemas existentes. Basicamente, os governos são os representantes dos interesses actuais. O que precisamos é começar a pensar em formas de representar os

interesses do futuro, em dar maior peso a ideias novas. Isso pode exigir novas formas de governação em que não dependemos apenas do governo para resolver os nossos problemas, mas envolvamos e levemos todos os cidadãos a pensar em como avançar. Estou convencida que muitas das mudanças necessárias virão de pessoas que experimentam a nível local e criam novas ideias. Elinor Ostrom, até à data a única cientista política a receber o Prémio Nobel, desenvolveu a ideia da governação policêntrica. Infelizmente, não teve tempo suficiente antes de sua morte para pensar sobre como por a governação policêntrica em practica. Basicamente, a ideia é que há imenso potencial criativo nas pessoas e nas comunidades. Precisamos de promover a participação política desses actores e incentivar a experimentação que promove ideias novas e mais sustentáveis e, em seguida, encontrar maneiras de juntar essas ideias e difundi-las em grandes áreas. Por exemplo, há muitas cidades que desenvolvem planos de ação climática e compartilham abordagens inovadoras entre si. Dessa forma vemos nascer programas de partilha de bicicletas ou de automóveis em todo o mundo. Revoluções acontecem. Mas nenhuma revolução acontece sem as pessoas. A transição virá de você, de mim e de todos os outros que querem fazer essa mudança acontecer.

P: Muitos dos exemplos promissores de uma transição para empregos mais ecológicos e sustentáveis vêm de países ricos e industrializados. Esses países têm as capacidades financeiras para, pelo menos parcialmente, experimentar novos tipos de trabalho e estilos de vida mais sustentáveis. A questão é, no entanto, se isso pode ser um modelo global ou se estamos a caminhar para uma nova divisão internacional do trabalho onde temos empregos dignos, verdes e saudáveis nos países ricos e ao mesmo tempo transferimos os empregos sujos e precários para os países menos desenvolvidos. Vê esse perigo ou acha que há chances de uma transformação global?

R: Eu vejo os dois. Eu vejo os sinais de perigo e, na verdade, um dos maiores perigos é a falta de algum tipo de redistribuição de rendimento global. A diferença de rendimento entre os que têm e os que não têm é provavelmente um dos maiores perigos para o meio ambiente. Muitas pessoas ainda vivem em condições muito precárias e não têm nem o tempo nem os recursos para pensar sobre participação e democracia e sobre como tornar o sistema industrial mais sustentável. Então, sim, os perigos são reais e se não fizermos nada para ajudar o desenvolvimento dos países pobres, continuaremos a ter imensos problemas. Teremos migrantes – sejam eles migrantes do clima, migrantes da poluição ou migrantes de degradação de recursos. Certamente teremos muitas pessoas que buscam uma vida melhor num outro lugar se não ajudarmos os países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os países em desenvolvimento estão a acordar e dizem: "Não queremos as vossas indústrias sujas. Não vamos levar o vosso lixo". O facto de a China recentemente ter dito

que não aceita mais plásticos da Europa é uma indicação de que esse país está a mudar e não está disposto a tornar-se o lugar da indústria suja para o resto do mundo. Mas precisamos certamente de educação adicional nos países em desenvolvimento para ajudá-los a reduzir a sua pobreza e dar-lhes também oportunidades para trabalhos mais verdes no futuro.

P: Uma última pergunta. Como será o dia típico de um trabalhador no ano de 2068?

R: Se eu olhar para o futuro daqui a 50 anos, gostaria de poder ver um mundo onde teremos o luxo de não ter de passar horas em engarrafamentos, porque o transporte se tornou muito mais eficiente e automatizado. A qualidade do ar será melhor, porque não usaremos mais combustíveis fósseis. Ao mesmo tempo, teremos prazer em redescobrir tecnologias antigas. Teremos mais ciclovias e muitos de nós iremos para o trabalho de bicicleta. Provavelmente veremos pessoas a trabalhar na programação de computadores e outras a reflectir sobre as possibilidades de continuar a tornar a reciclagem de recursos mais eficiente e eficaz. Como teremos mais tempo de lazer – muitos de nós não trabalharemos a tempo inteiro – passaremos mais tempo a apreciar a natureza e a estar com amigos.

Um dia típico no ano de 2068 pode ser: levantar-se, tomar um banho ecologicamente eficiente onde a água será reciclada, tomar o pequeno almoço com café de uma plantação sustentável e alimentos provenientes de quintas ecológicas. Depois haverá tempo para fazer desporto ou dar um passeio pela cidade tranquila e verde onde o tráfico será eléctrico e a biodiversidade terá voltado. Para aqueles que preferem uma experiência de alta tecnologia haverá tempo para uma viagem virtual para outro planeta. Em vez de se ir trabalhar para uma grande empresa num lugar qualquer, desce-se a rua até um centro comunitário onde se encontra com vizinhos. Haverá tempo para debater questões críticas que a sua comunidade enfrenta. Grande parte do trabalho será baseado em computadores, mas também será participativo. Poderá conectar-se virtualmente com pessoas noutras partes do mundo com a ajuda de um sistema de tradução automatizado que facilitará a comunicação. E juntos, discutirão problemas e desenvolverão soluções – de preferência como promover a transformação ecológica global.